

**UM RITUAL NA VIDA DO POVO RAMKOKAMEKRÁ CANELA:
CORRIDA COM TORA**

**A RITUAL IN THE RAMKOKAMEKRÁ CANELA PEOPLE:
RUNNING WITH A WOOD**

Valeria Moreira Garcia Vilar Veiga¹

Alberto Pedrosa Dantas Filho²

RESUMO:

Faz-se uma relação da música com a Corrida com Tora, por serem os rituais mais rotineiros e cotidianos na vida do povo Ramkokamekrá Canela. Em linhas gerais, situam-se os principais aspectos culturais dos Ramkokamekrá, fala-se da Corrida com Tora e sua utilização no dia-a-dia e nas festividades. Descreve-se e analisam-se as principais músicas utilizadas no ritual da Corrida com Tora.

Palavras-chave: Ramkokamekrá Canela. Música. Corrida com Tora.

ABSTRACT:

It is a relation with the music and the Tora Running because they are the most common rituals in the routine life of the Ramkokamekrá Canela people. In general, this article talks about the main cultural aspects of that people and about the running and its utility in everyday life and festivities. The main songs which are used in the Tora Running Ritual are also going to be described and analysed in this article.

Key words: Ramkokamekrá Canela. Music. Tora Running.

¹ Licenciada em Educação Artística pela UFMA, aluno do PROF-ARTES – UFMA. Instituto Federal do Maranhão Campus Pedreiras. E-mail: valeria.veiga@ifma.edu.br

² Doutor em Ciências Musicais Históricas pela Universidade Nova de Lisboa - Portugal. Professor associado do Departamento de Música da UFMA e do Mestrado Profissional em Arte (PROF-ARTES) da UFMA. E-mail: apdf62@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Júlio Cezar Melatti (1983), em sua obra “Índios do Brasil”, as primeiras notícias sobre indígenas brasileiros surgiram na primeira metade do séc. XVI na Europa, por viajantes, náufragos e missionários.

No entanto, com os primeiros contatos, foi generalizado para todos os indígenas do Brasil seus traços culturais. Entretanto, ao longo do tempo, notou-se que os indígenas brasileiros não formavam um grupo homogêneo e, assim como a língua, os costumes, as crenças, organização familiar e social, técnicas artesanais, a cultura, modifica-se entre os grupos.

Atualmente podemos distinguir cinco troncos linguísticos – Tupi-guarani, Macro-Jê, Aruak, Karib, Pano, e cerca de 10 famílias isoladas, ainda pouco estudadas (PAIO, 2002, p. 2). No Brasil, falam-se aproximadamente 170 línguas indígenas, por aproximadamente 215 etnias.

Em geral, nas sociedades indígenas, manifesta-se a fabricação de utensílios, que não são apenas objetos de arte, mais tem utilidade no dia-a-dia. Dentre as principais manifestações artísticas, Júlio Cezar Melatti (1983) destaca: pintura corporal, arte plumária, arte em pedra, arte em madeira, trançado, cerâmica, pintura, desenho, música e dança.

A música, estudada neste artigo, é instrumental e vocal e pode aparecer juntamente com a dança, onde cada aldeia possui seus instrumentos musicais e a utilização deles, modifica-se também de aldeia para aldeia. Entre os Ramkokamekrá Canela, por exemplo, o maracá é utilizado pelo cantador, em outras aldeias, é utilizado pelo médico-feiticeiro.

Os Ramkokamekrá Canelas apresentam diversas relações diretas entre a música e o cotidiano, e, principalmente no âmbito da “Corrida com Tora”. Esta corrida acontece em diversas ocasiões e rituais, como assevera José Pires *Cahhaal* Canela: “Canela corre com tora para mostrar que já foi preparado para caçar e assumir responsabilidade na comunidade” (informação verbal)³.

Considerando a importância da música para o povo Ramkokamekrá Canela, é que a leitura proposta neste artigo reside em mostrar esta musicalidade, especialmente as músicas

³ Informação fornecida pelo José Pires *Cahhaal* Canela na Aldeia Escalvado em março de 2005.

utilizadas na Corrida com Tora, por ser uma atividade presente no cotidiano dos Ramkokamekrá Canela.

José Ramos Tinhorão, ao descrever os primeiros períodos da colonização, ressalta a presença da musicalidade indígena:

[...] os indígenas primitivos viviam em estado de nomadismo ou em reduções com caráter de organização teocrática pelos padres jesuítas [...] Durante esses dois primeiros séculos de colonização, portanto, os únicos tipos de música ouvidos no Brasil seriam os cantos das danças rituais dos indígenas [...] (TINHORÃO, 1986, p. 7-8).

Neste artigo, motraremos quais as músicas utilizadas na Corrida com Tora e como se deu o processo de musicalização deste povo, os instrumentos musicais, as letras das músicas e a forma como foram expressadas pelos participantes da corrida.

No primeiro momento caracterizamos o povo Ramkokamekrá-Canela como nação Timbira e apresentamos aspectos demográficos, geográficos, assim como sua organização social.

No segundo momento trataremos da Corrida com Tora, especificamente com base nos estudos de: William H. Crocker (1958); (1978); (2002); (2005); Curt Nimuendajú (1982); (2001) e Júlio César Melatti (1938); (1983). Será abordado o significado da Corrida com Tora, os participantes, modo de preparo das toras, enfeites utilizados, animais abatidos, diferenças no tamanho das toras, que ocasiões são realizadas as corridas, a forma como as corridas se desenvolvem e a utilização do buriti como palmeira indispensável e essencial para os Ramkokamekrá.

Em seguida, faremos uma relação entre a Corrida com Tora e as músicas utilizadas neste ritual, relacionando os aspectos musicais com a definição do tamanho das toras, ou seja, ritmos e melodias, cantos e danças, como demarcadores de tempo e da conformação do próprio ritual.

Um pequeno esboço organológico dos instrumentos musicais usados por este povo será apresentado neste trabalho, de suas maneiras de cantar e tocar, de suas cantigas, além da representação que os Ramkokamekrá constroem do cantador e do uso que ele faz do maracá, mapeando, inclusive, sua confecção e as diferentes maneiras de tocá-lo.

Na tentativa de entender e conhecer a sociedade e a musicalidade Ramkokamekrá Canela, esta pesquisa de campo foi realizada na aldeia Escalvado, na terra indígena Canela, entre os anos de 2003 a 2005. Utilizamos como fontes de pesquisa, através de entrevistas diretas, o discurso dos seguintes Ramkokamekrá: José Pires *Cahhaal* Canela, Francisquinho

Tep Hot Canela, Abilinho Tàami Canela, Cornélio Pyapiti Canela e Valdemar Cuhkecel Canela (Jojo).

2. O POVO RAMKOKAMERÁ CANELA

2.1. Aspectos geofísicos e organização social

Denomina-se de Ramkokamekrá⁴ Canela⁵ os índios que habitam a aldeia do Ponto - Escalvado⁶, município de Fernando Falcão⁷, a 74 km da cidade de Barra do Corda, no estado do Maranhão. Esta aldeia situa-se à beira de uma importante estrada do sertão barracordense, cujo território é demarcado em 125.212 hectares e, cuja população é de 1.550 índios (censo feito pela Fundação Timbira Norte-Americana).

Este povo vive nas campinas do sul do Maranhão, banhadas por rios permanentes, protegidos por florestas ciliares e entre meados de tufos de mata e de palmais (RIBEIRO, 1977, p. 57).

O nome Ramkokamekrá no dialeto desses índios, significa filhos do almiscar (Ram`-almiscar / Krá- filho) – uma espécie de cera de madeira a qual chama-se Ram` específica de uma região, enquanto o termo Canela, é a abreviação de “Canela Fina⁸” usado no início do século XIX para designar os índios que habitavam o rio Tocantins ao leste do rio Parnaíba (região que abrange os atuais estados do Maranhão, Pará, Piauí, Goiás e Tocantins). (RIBEIRO D, 2006).

Estes Ramkokamekrá fazem parte dos *Timbiras*⁹ orientais, que por sua vez, constituem uma fração do grupo linguístico Jê. Tornaram-se conhecidos em 1946 após publicação dos trabalhos¹⁰ de Curt Nimuendajú Unkel que chamou atenção para este grupo do

⁴ Outro modo de designação dos grupos Timbira entre si apresenta o sufixo – (ca) mekra “filhos de “, os Ramcôamekra (ramcô/ _ alma cega do brejo – “Canela do Ponto”. Portanto, o/kra/do sufixo – (ca) mekra remete à origem e Nimuendajú acerta ao traduzir /Kra/ por “tribo”, neste contexto; marca uma diferença quanto à origem. (AZANHA, 1984, p.7).

⁵ Os Canelas tem um etno-conceito da evolução da própria história, segundo a qual passaram de um primeiro período de nomadismo e caça a um outro, mais “maduro” de cultivo e, finalmente, ao presente estágio de aculturação e dependência”. (CROCKER, 1968).

⁶ Aldeia construída pelos Ram’ entre os anos 1968-1970.

⁷ Fernando Falcão é o nome de um ex-deputado estadual do Maranhão. Abraçou a causa dos posseiros que lutavam para permanecer ocupando os territórios indígenas da região nos anos 70.

⁸ O termo “Canela Fina “ seria uma referência ao uso como adorno , de uma estreita faixa de algodão amarrada abaixo dos joelhos, o que facilitaria o seu desempenho nas corridas, tornando mais ágeis esses índios (RIZZO, 2002, p.132).

⁹ A denominação Timbira designa um conjunto de povos (Canela, Krahó e Krinkati, entre outros) falantes da língua do ramo setentrional da família Jê, distribuídos nos estados do Maranhão, Tocantins e Pará.

¹⁰ Os Timbiras orientais, 1946.

cerrado, cuja organização social e sistema ritual apresentam uma notável complexidade. “Os Timbira, atualmente, dividem-se em ocidentais na margem esquerda do rio Tocantins – *Apiajé* Norte de Goiás; e orientais na margem direita do rio Tocantins – Gavião, Parakateyê no Pará, Gavião Pukobyê, Krikati, Kanela no Maranhão, Krahô em Goiás (PAIO, 2002).

A altitude do território Ramkokamekrá é de 249m acima do nível do mar, o clima é quente e úmido e a temperatura é de aproximadamente 27 a 30° C, com chuvas que predominam durante os meses de Novembro a Março e quase não chove nos meses de Abril a Setembro. O solo é árido e arenoso coberto por vegetação de cerrado, com árvores baixas de tronco retorcido, arbustos rasteiros e matas ciliares.

A aldeia não é cortada por rios, mas sim por brejos¹¹, como o brejo Santo Estevão, que desemboca no Ourives. Porém, o relevo, e a vegetação, é típica de cerrado, com árvores pequenas, raízes longas e tronco dobrado, com presença constante de “jatobás¹²”.

O povo Ramkokamekrá Canela constitui uma nação¹³ Timbira, e estes, por sua vez, fazem parte do tronco linguístico macro-jê, com língua jê¹⁴.

A aldeia possui 168 casas com a estrutura da FUNAI e FUNASA dispostas em círculo, ao qual um caminho circular passa diante delas (Krikapé) entorno de um grande pátio circular (K'a) com medida de 100m no seu centro e, cada casa se liga ao pátio por um caminho (prikarã).

Na área envolvida pela circunferência das casas os índios derrubam todas as árvores prevalecendo apenas a vegetação que destaca os caminhos e o pátio, entretanto, no meio do pátio há cinco coqueiros e, ao redor deste foram plantadas algumas mudas de coqueiros.

Todos os dias há reunião no pátio, no centro. *K'a*, é o lugar do conselho dos anciões. para acerto de dívidas, avisos, preparação de festas e rituais além de ser uma forma de comunicação. Uma das características principais da organização da aldeia é que as casas mantêm sempre a mesma posição. Estas casas, assim como as plantações pertencem sempre às mulheres. Os homens dominam o pátio – centro das reuniões cotidianas, relação com os pontos cardeais (PAIO, 2002).

¹¹ Qualquer lugar baixo onde há nascentes, olhos-d'água, cacimbas.

¹² Árvore da família das leguminosas (*Copaifera trichiofficialis*), de folhas penadas, flores minutas e ordenadas em cachos, e cujo fruto é um legume pequeno e monospermo. O tronco produz um óleo tido pelo povo como medicinal.

¹³ Agrupamento humano, mais ou menos numeroso, cujos membros, fixados num território, são ligados por laços históricos, culturais, econômicos e/ou linguísticos.

¹⁴ Família linguística do tronco macro- jê, que reúne diversas línguas faladas por povos indígenas do Brasil central.

As casas são pequenas, feitas de estacas fincadas ao chão preenchidas com palha de buriti ou barro, geralmente são amarradas, sem reboco, dá impressão de inacabadas, algumas casas possuem paredes internas, mas, na maioria das vezes não possuem divisões. A planta das casas é de formato retangular, com fachada lateral voltada para o pátio da aldeia, são constituídas em um único vão, com pouca ou nenhuma divisão interna. Possuem paredes e duas ou mais portas, uma para o pátio, uma para o quintal e algumas dentro das casas, algumas possuem janelas.

O teto é feito de palha de piaçaba¹⁵ ou babaçu. Algumas casas possuem paredes de palha.

Uma casa abriga mais de uma família elementar, segundo (MELATTI, 1938), dentro das casas, encontram-se panelas, pratos, rádios, TVs, geladeira, fogão, potes, cuia, bacias, esteiras ou jiraus¹⁶, que por sua vez, são utilizados para dormir. As jovens dormem em jiraus perto ao teto. Os casais novos dormem em jiraus de um pouco mais de metro de altura e os casais de meia-idade nos jiraus que tem pouca altura. Costumam sentar-se em cadeiras ou bancos de madeira e para transportar frutas as mulheres utilizam cestos de buriti.

Nas portas das casas encontram-se toras, já utilizadas nas corridas e o número de portas e a posição das mesmas varia de casa para casa. O chão, na maioria das casas é batido e nivelado.

3. UM RITUAL NA VIDA DO POVO RAMKOKAMEKRÁ CANELA

3.1. A corrida com toras

As corridas com toras são muito frequentes e estão associadas a quase todos os ritos na aldeia, pois é a segunda cerimônia mais repetida no cotidiano dos Ramkokamekrá Canela, que, por sua vez, pode ser feita tanto pela manhã, como pela tarde e, geralmente, costuma ser realizada depois de uma atividade coletiva, como uma caçada: “a corrida de tora é pra brincar, gostar de rir, é comum para ganhar e se não ganhar não vai chorar” (informação verbal)¹⁷.

Esta, corrida, por sua vez, poderia ter nascido do reconhecimento da necessidade de exercitar-se para as circunstâncias de que os Timbiras faziam parte dos índios que, em

¹⁵ Designação comum a várias palmeiras.

¹⁶ São camas de varas, próprias da cultura timbira, que, dependendo da idade do Casal ou da pessoa, o “jirau” varia quanto a altura.

¹⁷ Informação fornecida por Willian Crocker na Aldeia Escalvado em agosto de 2005.

combate, se empenhavam ao máximo para não deixar cair nenhum companheiro ferido ou morto nas mãos do inimigo. Até os cadáveres do tombados, na medida do possível, eram não apenas retirados em segurança, mas levados para casa a fim de se poder enterrá-los de acordo com o cerimonial dominante. (NIMUENDAJÚ, 2001, p. 31).

O hábito de carregar toras, segundo Nimuendajú (2001), é uma competição esportiva entre duas equipes, onde o treino, como prática esportiva, é sempre feito com duas toras, onde os carregadores mudam constantemente. Entre os participantes estão, tanto adolescentes, quanto homens que são avós e, muitas vezes, três corridas são realizadas no mesmo dia: “a corrida de tora é aquele pedaço especialmente, é pra os dois grupos de jovens competirem, porque aquela tora foi feito, a medida dela, é feito pela uma menina especial que é do grupo”. (informação verbal por Cornélio *Pyapiti* Canela)¹⁸.

Homens, mulheres e crianças correm com toras, e estas, podem ser pequenas médias e grandes. Na corrida das crianças, os meninos são rivais das meninas, mas, correm apenas com flechas, galhos ou correm sem nenhum artefato. Os meninos não participam da corrida com homens adultos.

Entretanto, é na fase jovem que o Ramkokamekrá começam a participar da Corrida com Tora feita de buriti, jatobá, maria-mole e, por serem eles os corredores, podem escolher diversos ritos.

Na idade madura os Ramkokamekrá ainda participam da Corrida com Tora, somente os velhos não participam, por serem mais fracos e por não terem mais habilidade para correr.

As mulheres também participam da Corrida com Tora, e, ao participarem, são acompanhadas pelas meninas. Entretanto, é importante ressaltar, que o contato sexual das mulheres de idade com os jovens, dá força e vigor a estes, que, por sua vez, torna-os mais capazes de correrem com as toras.

Na corrida com tora os homens usam enfeites feitos com palhas de babaçu ou buriti, *hókheikhiek*, diadema que tem, na parte correspondente à testa duas pontas em forma de V o *iokrétxe*, no pescoço cujo pendente, também de palha, cai pelo dorso do portador; o *iapi*, “rabo” amarrado à cintura e com pendente às costas e costumam se pintar de pau de leite (tinta extraída da madeira dessa árvore) (ver Anexo A – Foto 27).

Em alguns rituais solenes utilizam diversos cintos feitos de miçangas com unhas de veado ou cabacinhas.

¹⁸ Informação fornecida por Cornélio *Pyapiti* Canela na Aldeia Escalvado em agosto de 2005.

Os Ramkokamekrá portam nas competições testeiras feitas de fibras de buriti, fabricando também lençóis, faixas e cintos do mesmo material; nas testeiras e cintos costuma prender compridas caudas de palha. Em uma corrida solene, ao final do Ketuaye, os homens amarram o cabelo da nuca com um leque de palha. (NIMUENDAJÛ, 2001, p.77).

Geralmente, quando os Ramkokamekrá saem para a caçada, uns são designados para o corte da tora e outros para a captura das caças, afirma Melatti (1978, p.38):

Cortam-se dois cilindros iguais, maços, levemente escavados ou totalmente ocos, que, depois de prontos, são rolados para o cerrado. Aí, no ponto de partida da corrida, os caçadores dividem os animais abatidos, segundo as metades em que estejam divididos naquele dia. Entregam suas armas e os pedaços de carne aos velhos e crianças, para que os conduzam à aldeia, e então iniciam a corrida. E começam a correr. Aqueles que estão com as toras nos ombros são acompanhados pelos companheiros de metade, que correm atrás deles. Quando um dos que carregam a toras se cansa, um de seu companheiros, da mesma metade, toma dele a tora, praticamente sem interromper a carreira, e continua. Quando os corredores chegam à aldeia, dão várias voltas pelo caminho circular, até que deixam cair as toras no chão, diante da casa de sua witi. Dependendo do rito que então se realiza, as toras podem também ser deixadas no pátio ou diante de outras casas [...].

Os animais abatidos, aos quais Melatti se refere, geralmente são bois ou porcos e são divididos simetricamente, uma parte para cada partido e, dessa parte, cada participante recebe um pequeno pedaço da carne.

Ao chegarem ao pátio com a tora, a corrida terá sentido horário ou anti-horário dependendo do partido que chegar primeiro ao pátio.

4. MUSICALIDADE NA CORRIDA COM TORA ENTRE OS RAMKOKAMEKRÁ CANELA

Sabe-se que a música rege a vida dos Ramkokamekrá em todas as ocasiões, desde o amanhecer ao anoitecer. Canta-se à noite, de dia, convocam-se pessoas através do canto e com este a comunidade sabe dos acontecimentos da aldeia.

Canta-se na rua, no pátio, nas casas, nas festas e em rituais como o batismo, a pajelança e, para cada atividade, há um tipo de cantiga correspondente, cantigas que falam da natureza e de animais. As cantigas de hoje fazem parte de uma longa tradição, passam de geração em geração pelos velhos e estes, sempre passam aos mais jovens seus saberes.

O cantador observa no jovem Ramkokamekrá se possuem aptidão para ser um futuro cantador e em meio ao conselho da liderança, no pátio, começam a ensinar este jovem. Como disse seu Abilinho Canela:

“O liderança vê que ele já tava começando a cantar, aí ele vai procurar o velho antigo pra cantar, é assim que começa esse negócio de cantar, no início ele mesmo

que se interessa, aí o partido Khoikateye é que tem que escolher”. (informação verbal).

Quando o cantador está velho e já sente frio, como afirma *JoJô Canela*:

O jovem tem que fazer fogo no pátio, aí o cantador novo canta e o velho fica lá naquele fogo e vai ouvir o que ele ensinou. [...] mais como é que o nosso avô iniciou aquele início, como é que nós vai mudar? e as cantigas que Abilinho cantou, nós não muda as cantigas, e o pintura também não muda, não pode mudar, aquela cantiga que o nosso avô ensina, nós aprendeu, tem que usar aquilo, o cantiga também não muda, cada tradição. (informação verbal).

As cantigas têm o poder de emocionar, de entristecer, de alegrar e de provocar lembranças agradáveis e desagradáveis:

Bom, sei que todas festas emite uma cantiga, cantiga que agente se emociona, tem cantiga também que agente fica triste porque agente lembra dos parentes que já morreram e aquelas cantigas que é muito triste, agente não canta, não canta ela porque os jovens choram, aí acaba aquela alegria, por isso não canta, agente seleciona as músicas mais emocionantes, aí canta, eles gostam. (informação verbal).

Os Ramkokamekrá também possuem cuidados com a voz, utiliza-se de ervas apropriadas para manterem uma voz potente. Para isso, os cantadores devem fazer algumas restrições alimentares. *Cornélio Pyapiti Canela* descreve algumas restrições:

“Tem certo medicamento caseiro, folhas de uma árvore especial que usa, não pode comer, beber caldo, não pode comer coisa muito carregado, gordura, porque aquilo ali, quando a pessoa tá cantando, fica forçando a voz, não tem aquele medicamento que curou”. (informação verbal).

A Corrida com Tora é pautada por música em toda a sua extensão, cantadas por homens (cantadores), esses cantos, alertam e mostram tanto aos participantes (corredores) quanto à aldeia em que parte está a corrida.

Existem cantos para mostrar que está se cortando a tora e preparando-a, outros cantos mostram que estão correndo com a tora; há ainda cantos ao final da Corrida com Tora: cantos dos vencedores e perdedores. *Cornélio Pyapiti Canela* afirma:

Tem certo tora que também merece ter uma música depois da corrida e tem certo tora que não, depende da tora. Tem tora que é só pra treino, pra ensaiamento do novo, tem tora que é tipo o campeonato de vocês, tem que ter um cerimonial, tradicional, a mesma coisa é nós, tem uma tora que é só pra correr mesmo, como pegar o jovem pegar prática, isso não merece ter castigo nenhum, agora tem outra tora que é tora especial, que só os corredores mesmo, só aqueles craques de tora mesmo é que corre, tem cantiga, tem tudo. Há corrida de tora do dia-a-dia e há corrida de tora especial que é pra festa grande, aquela ali é que merece ter castigo depois da corrida de tora. Os que estão só praticando de como pegar não pode participar, porque vai atrapalhar a competição. (informação verbal).

Segundo *Francisquinho Tep Hot Canela*, há diversas músicas para os três momentos da Corrida com Tora:

Primeiro momento – antes da corrida (Pytec crer - Cantiga aves jacu; Kukoi crer - Animal macaco; Wgcatxàt - Cantiga algudao; Urere-re - Cantiga Deixado obijeto; Hamahô - Guariba; Hamahô - Cantiga amenduim), segundo momento – durante a corrida (“Ropore ri cêcê mó; jari hôhô re; torore wê tore; Conco crê na wajjês”) e no terceiro momento – depois da corrida (“Arari mué; araja rure; Hônân cati ro; A pare to ce é camé”); tanto para tora pequena, como para tora grande, relacionadas aos animais e à natureza, onde as músicas cantadas no final da corrida de tora são as mesmas músicas cantadas no pátio e, dentre elas, são escolhidas apenas três músicas para a corrida.

Cornélio *Pyapiti* Canela afirma que:

“Tem a música antes de ir pra tora e tem uma música especial que é só pra tora mesmo; tem uma música que dá exemplo assim de que aquela tora vai ser grande, só que cantiga já mostra, indica que aquela tora vai ser grande e tem um certo cantigo que indica que aquela tora vai ser pequena”. (informação verbal).

4.1. Tipos de Música

Quadro 3 - Representativo das músicas cantadas na corrida com tora e outras ocasiões:

MÚSICA	SIGNIFICADO	OCASIÕES A SER CANTADA
<i>Pytec crer</i>	<i>Cantiga aves jacu</i>	Corte de tora; Mesma cantiga da rua; Mesma cantiga do meio-dia à tarde.
<i>Kukoi crer</i>	<i>Animal macaco</i>	Tora pequena; Cantiga de época das festas: prisão, prisão de Ketuayê. Prisão de banho, Pepkarô, festa de gavião; Corte de tora; Mesma cantiga da rua; Mesma cantiga do meio-dia à tarde. Não é cantada na festa do peixe.
<i>Wgcatxàt</i>	<i>Cantiga algudao</i>	Corte de tora Mesma cantiga da rua; Mesma cantiga do meio-dia à tarde.
<i>Urere-re</i>	<i>Cantiga Deixado obijeto</i>	Corte de tora; Mesma cantiga da rua; Mesma cantiga do meio-dia à tarde.
Hamahô	<i>Guariba.</i> “só se olha na serra o jacú e o guariba”.	Corte de tora; Mesma cantiga da rua; Mesma cantiga do meio-dia à tarde.
<i>Hamahô</i>	<i>Cantiga amenduim</i>	Corte de tora. Mesma cantiga da rua; Mesma cantiga do meio-dia à tarde.
<i>I cati gotô kama wa xà</i>	“ Música que canta toda vida, todo tempo, quando é momento pra carregar tora, antes da corrida de tora, sempre, até que, fala nome da tora também, é porque já é o início, antes da tora”. (Cornélio <i>Pyapiti</i> Canela).	Corte de Tora. Tora Grande.

continuação

<i>Hoh'o caga xà ré</i>	–	Corte de tora; Tora menor; OBS.: Quando a tora é pequena vão correndo e vão cantando.
<i>Wehve pê xàà te wa vê</i>	“Lá, na tora, o especialista de tora está aprontando a tora e fazendo aquele batucada, e a pessoa que está cantando vai cantar do mesmo modo que tá fazendo”.	Corte de tora
<i>Ja ru rú, kê</i>	“É que tá fazendo, está aprontando tora, tão escutando, escuta lá longe e tá sabendo que ainda não aprontaram a tora... antes de tora, antes da corrida da tora”.	Corte de tora.
<i>Ropore ri cêcê mó; jarí hôhô re; torore wê tore; Conco crê na wajjês”)</i>	–	Durante a corrida.
<i>Arari mué;</i>	<i>Fala de animais tatu;</i>	Mesma música do pátio; Música ao final da corrida de tora. (Músicas mais especiais)
<i>Araja rure;</i>	–	Mesma música do pátio; Música ao final da corrida de tora. (Músicas mais especiais)
<i>Hônân cati ro;</i>	<i>Animais que fica na maré com peçoço grande.</i>	Mesma música do pátio; Música ao final da corrida de tora. (Músicas mais especiais).
<i>A pare to ce é camé.</i>	<i>O patinho que rema com espécie de telas, remando água</i>	Mesma música do pátio; Música ao final da corrida de tora. (Músicas mais especiais).
<i>O corro catiré</i>	–	Quando a tora chega.
<i>Tep pê ti a pê</i>	“o avestruz fica negro, e pegando peixe, colhe peixe e pega pra comer, isso que é a cantiga, então esse cantigo é pra os homens, significa que homem, os homens é que nem aquele avestruz, que escolhe menina como peixe, e vai pegar”.	Canta em qualquer festa, geralmente no pátio à noite.

Fonte: Entrevista realizada com os Rmakokramekrá em Agosto de 2005: Francisquinho *Tep Hot* Canela e Cornélio *Pyapiti* Canela.

No primeiro instante da Corrida com Tora, dá-se a preparação da tora, onde derruba-se o buriti, corta-se ao meio, mede-se as partes para ficarem iguais e fazem o acabamento. Neste momento, o cantador escolhe uma das músicas, entre as quais: ***Pytec crer***, ***Kukoi crer***, ***Wgcatxât***, ***Urere-re***, ***Hamahô*** ou ***Hamahô***. O cantador escolhe o local e, portando uma vara na mão, começa a cantar, rodando com a vara fincada ao chão.

Ao aprontar a tora, dá-se início à corrida e, enquanto correm em direção ao pátio, dando várias voltas (pode ser no sentido horário ou anti-horário, dependendo do partido que chegar primeiro no pátio) os outros Ramkokamekrá observam a corrida aguardam sentados um cantador começar a cantar uma das músicas: *Ropore ri cêcê mò,; jarí hôhô re, torore wê tore* ou *Conco crê na wajjês*, dando início ao segundo momento.

Ao acabar a corrida, os vencedores que chegam primeiro em frente à casa da *wyhty* lançam a tora ao chão e todos os corredores vão em direção ao meio do pátio para decidirem se darão uma nova oportunidade ao perdedor, caso positivo, dão um grito e voltam à rua para pegarem as toras e correrem novamente ao redor do pátio.

Assim, correm várias vezes ao redor do pátio e, se decidirem dar novas oportunidades aos perdedores, fazem tudo novamente até decidirem encerrar a corrida, reunindo-se novamente no pátio para avaliarem a atividade e então, todos os corredores vão à frente da casa da *wyhty* , dando início ao terceiro momento.

Neste terceiro momento os homens ficam em uma fila única em frente à casa da *wyhty* (Ver Anexo A- Foto 38-39) e o cantador começa a andar de um lado para o outro em frente aos corredores de tora, balançando o maracá, escolhe uma das músicas: *Arari mu, araja rure, Hônãñ cati ro* ou *A pare to ce é camé*, para cantar, findando a cantoria, os homens voltam às suas casas.

1º Momento: *Pytec crer, Kukoi crer, Wgcatxàt, Urere-re, Hamahô* ou *Hamahô*.

2º Momento: *Ropore ri cêcê m,; jarí hôhô re, torore wê tore* ou *Conco crê na wajjês*

3º Momento: *Arari mu, araja rure, Hônãñ cati ro* ou *A pare to ce é camé*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do tema em questão trouxe informações relevantes que serviram para a realização do trabalho investigativo na aldeia Ramkokamekrá Canela, proporcionando o entendimento e a importância da música no cotidiano deste povo e, principalmente, na Corrida com Tora, uma vez que a mesma serve como um meio de expressão, comunicação e faz parte desta aldeia, tanto de festas e rituais, como brincadeiras, sendo a manifestação mais repetida na vida destes.

Dessa maneira, o que se pretende considerar é que, sendo a música primordial e não havendo registros por parte de pesquisadores, e existindo poucos cantadores, faz-se

necessários estudos como este para que os próprios Ramkokamekrá tenham esse registro musical e que não se perca esta preciosa manifestação, em virtude do processo de dinâmica da cultura, pois esta modifica-se no tempo e no espaço: *“Cada vez tão se desaparecendo uma parte, pois é, agente vê aquele movimento, mais não sabe como é fundamental.”* (Francisco Tep Hot Canela).

Os resultados coletados da pesquisa direcionam para a preservação desta cultura e divulgam que há várias possibilidades de fazer música. Que a música orienta e rege uma sociedade, dá condições de autonomia entre os povos para viverem em harmonia e tranquilidade.

Ao estudar as músicas Ramkokamekrá Canela, verificou-se que as letras das músicas descrevem objetos ou seres que os cercam e que, para cada atividade há um canto correspondente, que ensina aspectos da sua cultura, orienta os indivíduos e serve como forma de comunicação aos mesmos. No entanto, compreende-se que há uma relação existente entre a música e a Corrida com Tora, ao qual foram encontradas dezenove músicas utilizadas durante a Corrida com Tora e somente estas músicas devem ser cantadas neste ritual, porém, estas, não são exclusivas da Corrida com Tora, fazem parte de outras atividades da aldeia, quer seja no pátio, na rua ou em “brincadeiras de ronda”.

Somente o canto faz parte da corrida com tora e percebeu-se que a utilização do maracá na corrida se dá apenas no final desta. Contudo, os cantos em grupos acontecem sempre em filas para que o cantador mantenha a ordem e oriente os Ramkokamekrá com seu maracá e, quando o cantador canta sozinho, porta sempre à mão uma vara.

Essa música é praticada todos os dias e se estende pela madrugada, num “continuum sonoro”. Os cantadores têm cuidados com a voz e por isso, possuem expressividade nos cantos, volume sonoro. Possuem habilidades musicais como centros tonais em que as melodias se constroem, pausas, variedade de formações vocais em que formam duetos.

O cantador é o responsável por conduzir os cantos e animar os participantes dos rituais, ele possui habilidade na percepção dos timbres sonoros. Há uso do canto “responsorial” entre solos vocais e coro das mulheres. Os coros vocais podem ser ascendentes e descendentes. Notou-se que às vezes há o uso de variados intervalos e microtons nos cantos, que instalam polifonias, contrapontos vocais a duas, três ou mais vozes e “soluços” que marcam alguns cantadores. O estilo dos cantos nos solistas é narrativo, com melodia infinita.

Além disso, há os vibratos, acentos e apojaturas vocais, com uma tendência à elevação do campo sonoro em meio e até um tom acima da melodia inicial.

O encadeamento das sequências das cantigas organizadas se dá em diferentes e intercalados andamentos. Os solos de introdução das cantorias são expressivos e recitativos. O som é ostinato sustentado pelo coro uníssono das mulheres que em alguns momentos cria um ar litúrgico.

Os instrumentos desenvolvem funções específicas de animação e de fixação de medida, estes, tem apoio rítmico e de chamamento: maracás, ocarinas e buzinas. São observadas normas sobre o uso adequado dos instrumentos em cada cantiga, com diferentes desenhos rítmico-melódicos, e as ocasiões em que devem ou não acompanhar a música vocal.

Há diversos tipos de cantigas: de pátio, próprias de cada rito, convite, animação, de madrugada, da noite, só das mulheres, só dos homens, de ninar, de festas, de caçada.

Considera-se então, que os cantos, danças e corridas com toras são diferentes qualitativamente segundo o rito em curso, e este, por sua vez, é que determina quais as músicas a serem cantadas e “quais partidos” irão correr.

Entretanto, é preciso entender que este estudo é o começo para novas investigações e uma abertura para futuros interessados, amigos e pesquisadores dos Ramkokamekrá Canela. Interessados estes, em preservar a cultura, riqueza social e experiência de vida para que se possa conhecer novas possibilidades musicais, ritmos, melodias e instrumentos musicais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Dicionário Musical Brasileiro**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

AZANHA, Gilberto. **A Forma Timbira: estrutura e resistência**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo; São Paulo, 1984.

CROCKER, William H. Estórias das Épocas de pré e pós-pacificação dos Ramkokamekrá e Apâniekra – Canelas. Belém: **Boletim do museu paraense Emílio Goeldi**. n. 68, 1978.

_____. Os Índios Canelas de Hoje: nota prévia. n.2, Belém: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 1958.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. 48. ed., São Paulo: Ed. Hucitec, 1983.

NIMUENDAJU, Curt, **Textos indigenistas 1883 – 1945**: relatórios, monográficos, cartas. São Paulo: Ed. Loyola, 1982 (Coleção Missão Aberta).

PAIO, Rafael Pessoa São. **A Arte, a cosmologia e a Vida Social, dos Canela mkokamekrá do Maranhão**: Seus Ritos e Mitos. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) - Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2002.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro 1922-1997: a formação e o sentido do Brasil, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.